



Freud e Fliess: considerações sobre uma supervisão imaginária

Freud and Fliess: considerations on an imaginary supervision

Carlos Roberto Drawin

Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia

Jacqueline de Oliveira Moreira

Thiago Clemente Colbert Câmara

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
Brasil

Resumo

O texto que se segue apresenta uma pesquisa histórica e teórica acerca de alguns aspectos do período de criação da Psicanálise por Sigmund Freud. Abordou-se especificamente a intrigante relação entre Freud e Fliess, a partir da seguinte pergunta: qual foi o papel dessa relação para a criação da Psicanálise? Certamente, o lugar de Fliess é o de amigo, interlocutor e, alguns diriam, um analista "*avant la lettre*". Neste texto discute-se a possibilidade de se considerar Fliess o supervisor imaginário de Freud. Para respaldar esta hipótese, analisa-se, principalmente, a correspondência completa de Freud para Fliess, além de passagens específicas de algumas biografias de Freud e textos de estudiosos que abordaram o tema.

Palavras-chave: psicanálise; supervisão; Freud e Fliess.

Abstract

The following text presents a historical and theoretical research about some aspects of the period of elaboration of Psychoanalysis by Sigmund Freud. The intriguing relationship between Freud and Fliess is analyzed based on the following question: how did it contribute to the creation of Psychoanalysis? Certainly, the role of Fliess is of a friend and interlocutor, as well as, some may say, an analyst "*avant la lettre*". Even though all these answers converge, in this text another possibility is proposed: Fliess as Freud's imaginary supervisor. The complete correspondence from Freud to Fliess is analyzed, in addition to specific passages from some of Freud's biographies and texts by scholars who addressed the theme.

Keywords: Psychoanalysis; supervision; Freud and Fliess.

Poucos pensadores tiveram a sua vida tão extensa e profundamente investigada quanto Sigmund Freud. As biografias e estudos monográficos se sucederam num trabalho notável de reconstrução da vida e das raízes do pensamento do fundador da Psicanálise. Suas origens familiares, sua infância e adolescência, seus estudos universitários e as influências recebidas, sua vida amorosa e cotidiana, tudo foi esmiuçado e diversamente interpretado, desde a



biografia oficiosa de Ernest Jones (1989) até os trabalhos mais críticos de Peter Gay (1989) e Elizabeth Roudinesco (2016). Dessa forma, o pesquisador se depara com uma quantidade de informações difícil de ser dominada e sintetizada e deve ainda atravessar inúmeras polêmicas, pois a vida de Freud se entrelaça com sua obra, que, por sua vez, é até hoje objeto de vivas controvérsias e acirrados debates.

A chamada "autoanálise" de Freud é, sem dúvida, um dos pontos cruciais deste entrelaçamento entre vida e obra, na medida em que evidencia um dos pontos mais questionados da Psicanálise: o seu estatuto científico. Afinal, considera-se a autonomia da obra em relação a um autor um elemento essencial na fundação de um campo científico. Assim, as vidas de Galileu, Newton, Lavoisier ou Darwin pouco importam para o desenvolvimento ulterior da Física, da Química ou da Biologia. Suas biografias podem esclarecer o contexto de descoberta, ou seja, as circunstâncias em que surgiram tais disciplinas científicas, mas não podem justificar a sua consistência ou os seus desdobramentos teóricos. Por isso, Roudinesco e Plon (1998) ao tratar da autoanálise de Freud em seu *Dicionário de Psicanálise*, retoma a distinção proposta por Michel Foucault numa conferência de 1969, segundo a qual nas ciências da natureza o ato de instauração é legitimado pela força intrínseca da teoria, enquanto na Psicanálise o ato de instauração incidiria na própria validade da teoria, ou seja, "o reexame do texto de Galileu pode certamente mudar o conhecimento que temos da história da mecânica, mas jamais pode mudar a própria mecânica. Em compensação o reexame dos textos de Freud modifica a própria Psicanálise..." (Foucault, 2001, p. 283-286).

Assim, podemos concluir que investigar a gênese destes textos, as circunstâncias biográficas de seu nascimento, teria incidência no próprio conteúdo teórico e prático da Psicanálise. Se interpretarmos, portanto, a autoanálise de Freud como um episódio essencial na criação da Psicanálise, não estaríamos abrindo as portas para o mais desbragado subjetivismo? A Psicanálise não seria, em seu próprio núcleo, um relato das descobertas feitas por Freud acerca das vicissitudes de sua história pessoal?

Duas questões devem ser aqui consideradas. A primeira se refere à singularidade epistêmica da Psicanálise. Certamente, ela não pode ser considerada como uma ciência "normal", comparável à Física ou à Química, sem que esta especificidade signifique qualquer concessão ao arbítrio ou ao culto de uma revelação inefável e única ocorrida na vida de Freud. Os enunciados psicanalíticos podem e devem ser submetidos à discussão racional. Não obstante, este é um tópico complexo que não propomos aqui discutir. A segunda questão



se refere ao significado de “autoanálise”: seria este um processo pessoal e solitário, resultante da intuição genial de Freud? Acreditamos que não.

O tema da autoanálise já foi objeto de minuciosas pesquisas e intensas controvérsias. Não é nossa intenção, abordar detidamente o desenrolar da autoanálise de Freud, trabalho empreendido na já clássica investigação feita por Didier Anzieu (1959), considerando-a como uma reação à morte de seu pai, ocorrida em meio à intensa e conturbada relação com Fliess. Alguns autores procuram interpretá-la num domínio mais amplo. Seja como faz Conti, avaliando-a à luz da teoria interpessoal de Stack Sullivan e tomando-a como resultante de seus relacionamentos juvenis com Emil Fluss (1872-1874) e Eduard Silberstein (1871-1881) e Martha Bernays, bem como das referências de sua formação clássica (Conci, 1998, p. 77-84). Seja como pretende Mayer ao enquadrá-la na cultura clínica e acadêmica, aproximando a técnica freudiana (*Selbstanalyse*) aos procedimentos da auto-observação (*self-observation*) e do hipnotismo introspectivo. Uma hipótese muito interessante, porque nos permite transpor a experiência subjetiva da autoanálise para o interior da obra científica de Freud como se constata na leitura do segundo capítulo de “A interpretação dos sonhos”, quando se estabelece o vínculo entre a indução dos pacientes na direção de sua auto-observação (*Selbstbeobachtung*) e de atenção para suas percepções psíquicas e autopercepção (*Selbstwahrnehmung*) das “representações involuntárias” (*ungewollten Vorstellungen*). Assim, a autoanálise, mencionada nesta passagem no plural (*Selbstanalysen*), se integra ao método de interpretação dos sonhos e, no juízo de Freud, deve-se aceitar que a observação de si possui uma fidedignidade (*Verlässlichkeit*) “mais favorável” (*günstiger*) do que a observação dos outros (Mayer, 2001, p. 171-196, Freud, 1999, p. 106, p. 109).

A despeito de seu inegável interesse, as hipóteses acima referidas nos exigiriam adentrar numa problemática muito mais ampla. O escopo do nosso texto não nos permitiu envolver em tais controvérsias, mesmo em se tratando de pontos centrais a serem considerados pela historiografia psicanalítica. Apenas enfatizamos a importância de não tomar a autoanálise como uma atividade singular e solitária e a partir da qual a teoria pôde ser basicamente extraída. Não há mente alguma, por mais genial e solitária que seja, inteiramente aparte dos pressupostos e desafios do seu tempo. Hegel definia a filosofia como “seu tempo apreendido em pensamentos” (Hegel, 2010, p. 43) e, segundo acreditamos, essa definição pode ser estendida a qualquer sistema de pensamento.

Assim, acreditamos que o “auto” da “autoanálise” deva ser matizado e situado num contexto intelectual bem mais complexo, que não pode ser aqui



sequer esboçado, mas do qual extraímos uma ideia bem simples: a de um processo de construção conceitual ocorrido num espaço de interlocução tal como vemos ocorrer numa experiência de supervisão. Mas qual teria sido este “espaço de interlocução”?

A suposta “autoanálise” teria se iniciado de maneira fragmentada nos anos 1890, sendo situada por alguns entre 1895 e 1899, ou seja, entre as publicações de “Estudos sobre a histeria” e de “Interpretação dos sonhos”. De qualquer forma, o seu momento de maior intensidade se deu de junho a novembro de 1897 (Roudinesco, 1998, p. 45). Por que “suposta”? Porque o próprio Freud, numa carta a Fliess de 14 de novembro de 1897, naqueles meses cruciais em que abandonou a teoria da sedução (carta de 21/09/1897) e anunciou o Édipo (carta de 15/10/1897), e após ter afirmado ser a “a autoanálise [...] a coisa mais essencial que tenho no momento”, reconheceu a impossibilidade de continuá-la. Afinal, ele escreve, “a verdadeira autoanálise é impossível, caso contrário, não haveria doença [neurótica]” (Freud, 1986, p. 271, 282). Ou seja, o sofrimento neurótico seria facilmente resolvido e não possuiria a objetividade de uma “doença” se pudesse ser dissolvido pelo esforço de auto compreensão do próprio sujeito padecente. Por isso, Freud reconhece a limitação de sua capacidade auto analítica ao recorrer ao conhecimento obtido junto a seus pacientes até mesmo para lidar com seus problemas pessoais. O “auto” tal como aparece nas cartas a Fliess – pois não podemos reconstituir a dinâmica de seu intercâmbio oral – comporta a autorreflexão de uma “escrita de si” possibilitada pela referência de seu “interlocutor transicional”, ou seja, como aquele que “funciona” no encaixe entre o intrapsíquico e o intersubjetivo (Jung, 2014, p. 3-7).

A lenda da “autoanálise” como atividade de um gênio solitário, repudiado pela comunidade científica, foi difundida por Ernest Jones e serviu como peça apologética para o movimento psicanalítico (Ribeiro, 1994). Deve-se ressaltar, antes, que, ao relatar e interpretar seus sonhos, lembranças, lapsos e esquecimentos, Freud não tem um acesso aos seus processos inconscientes por meio de uma vivência direta e intuitiva. Pelo contrário: se suas descobertas pessoais se mostraram teoricamente fecundas, elas o foram somente por terem sido anteriormente mediadas pela criação conceitual e clínica.

Atualmente, os caminhos intrincados dessa interlocução essencial podem ser razoavelmente retrçados graças ao trabalho da historiografia independente e da publicação em 1985, por Jeffrey Masson, da correspondência completa de Freud para Fliess. Qual o papel de Fliess nesta vasta correspondência desenrolada entre 1887 e 1904 e transcorrida de modo especial na década de criação da Psicanálise? A convergência biográfica entre os dois amigos é



impressionante: Fliess era um médico berlinense com grandes ambições intelectuais, provinha de uma família judaica, embora não adotasse o judaísmo como religião, e frequentava um círculo próximo a Freud. Por isso, como observa Mannoni, ele pôde ocupar para Freud o lugar de "alter ego" e de "uma imagem idealizada de si mesmo". Ou, para usar a conceituação lacaniana, Freud o tratava como em uma situação analítica não posta enquanto tal, como "sujeito suposto saber", pois dele "esperava um conhecimento que não possuía minimamente" (Mannoni, 1994, p. 58-59).

Naquele momento de incerteza e criatividade, angústia e crises cardíacas, Freud demandava análise, embora tal demanda não houvesse ainda sido formalizada e teoricamente determinada e por isso se manifestava entrelaçada com uma demanda de supervisão. Não havia ainda, portanto, um quadro teórico e clínico capaz de acolher as angústias de Freud. Hoje, porém, já o temos e podemos compreender à sua luz as demandas de Freud endereçadas a Fliess.

Atualmente, sabemos bastante bem o quanto a supervisão pode ser um elemento essencial tanto na formação teórica, quanto na consolidação da clínica de um psicanalista. O relato de um caso para um terceiro nos leva a reorganizar o material clínico de que dispomos, e o fazemos de modo independente em relação ao saber efetivamente possuído pelo supervisor. Não se trata de uma relação comum de aprendizagem como a que se dá entre professor e aluno, mas a oportunidade de mobilizar diante de um outro as associações livres e as moções afetivas suscitadas por um paciente, abrindo, deste modo, novas perspectivas de interpretação e intervenção (Padilha, 2005).

Foram encontrados dois artigos de revisão crítica da literatura sobre a supervisão em psicanálise (Zaslavsky *et al.*, 2003, Saraiva e Nunes, 2007), em que estão organizados em onze categorias os textos abordando a supervisão em Psicanálise. Alguns dos temas tratados foram: histórico e definição da supervisão; papel e função do supervisor; finalidade e impasses da supervisão; responsabilidade do terapeuta supervisionado; transferência e contratransferência; a utilização de casos/exemplos; supervisão em grupo; novas patologias; supervisão de estágio. Distinguiram, ainda, duas modalidades de supervisão em Psicanálise: a didática e a experiencial. Na primeira, o supervisor adota uma posição mais próxima à de um professor, fazendo sugestões mais assertivas, e, na segunda, o supervisor atua como facilitador do crescimento pessoal. Como procuraremos mostrar em nosso texto essas duas vertentes da supervisão se entrelaçam na relação entre Freud e Fliess: o reconhecimento da competência médica e científica de Fliess desencadeia um processo transferencial mobilizado pela assimetria da relação e que resiste



mesmo quando a sua autoridade vai declinando e, por outro lado, a destituição do interlocutor daquele lugar de autoridade intelectual contribui decisivamente para que o próprio Freud o ocupe e o laço entre os dois se dissolva.

Um artigo de Broide (2017), define a supervisão como uma interrogação “sobre as falhas no saber, as insuficiências para sustentar a práxis da escuta do sofrimento do outro” (Broide, 2017, p. 60). A autora propõe a hipótese de que Freud poderia ter desempenhado o papel de supervisor de Breuer, o que não exclui e nem contradiz a inversão dos papéis no caso da relação com Fliess, pois as cartas o mostrariam como uma espécie de supervisor imaginário de Freud. Neste sentido, destaca-se o fato de o supervisor assumir a posição da ignorância socrática, do não saber, não se fechando em certezas e conhecimentos já consagrados, tornando-se, assim, capaz de abrir o espaço de acolhimento das dúvidas, de viabilização de experimentos mentais e de construções exploratórias. Todavia, a posição socrática do supervisor não se confunde com a mera ignorância, ao contrário, somente pode colocar-se naquela posição aquele supostamente possuidor de um saber maior e mais profundo.

Na verdade, essas hipóteses não colidem, pois Freud conheceu Fliess através de Breuer, e os três homens formaram um triângulo de inter-relações profissionais, familiares e pessoais. Os papéis desempenhados por cada um circulavam entre eles: Breuer foi mentor de Freud, e Fliess assistiu a conferências de Freud, a quem considerava um mestre. Na perspectiva de nossa hipótese, procuramos discernir o efeito de supervisão contido nas cartas de Freud seguindo, com tal intuito, as oscilações de uma amizade estranha que, por parte de Freud, alcançou altos níveis de idealização para acabar se perdendo definitivamente, embora deixando uma marca significativa na criação da Psicanálise.

1. A amizade perdida

A correspondência entre Freud e Fliess padece da grave limitação do desaparecimento das cartas de Fliess, possivelmente destruídas por Freud. Este, aliás, não queria também que suas cartas viessem à tona. Com a morte de Fliess, em 1928, sua viúva vendeu a correspondência ainda preservada a Reinhold Stahl, um livreiro de Berlim, e este, ao se refugiar na França em decorrência da perseguição nazista, vendeu-a à princesa Marie Bonaparte. Esta não entregou as cartas a Freud, apesar de seus apelos e de sua lealdade a ele. Antes, depositou-as no banco Rothschild de Viena com a intenção de estudá-las futuramente. Com a guerra e o risco de sua possível destruição, Bonaparte, beneficiando-se de seu



status de princesa da Grécia e da Dinamarca, conseguiu transportá-las para Londres aonde chegaram intactas e foram preparadas para publicação por Anna Freud e Ernst Kris. As cartas foram por eles publicadas em 1950, mas das 301 cartas enviadas por Freud a Fliess entre 1887 e 1904 um número considerável permaneceu sob censura, fazendo com que apenas 168 cartas fossem publicadas na coletânea. Dessa forma, somente em 1985, graças aos esforços de Jeffrey Moussaieff Masson, a correspondência completa foi finalmente publicada.

Quem era este importante interlocutor de Freud? Fliess (1858-1928), dois anos mais novo que Freud, era médico, especialista em afecções da garganta e do nariz, mas era também movido por grande ambição científica e intelectual e voltado para múltiplos interesses para além da Medicina e da Biologia. Apesar de sua mente brilhante, Fliess tinha crenças e teorias altamente genéricas e nelas insistia com inabalável firmeza como, por exemplo, a generalização de suas observações clínicas para a totalidade dos seres vivos.

Todavia, a aproximação entre os dois médicos e a confiança recíproca que lhes permitiu o intenso intercâmbio intelectual deveu-se a algumas crenças por ambos partilhadas: a idealização das ciências da natureza e das explicações de cunho reducionista, o caráter determinista dos fenômenos naturais e psíquicos, a importância primordial do domínio da sexualidade e, também, a expectativa no uso benéfico da cocaína (Sulloway, 1981, p. 129-130).

Fliess foi apresentado a Freud por meio de Breuer, pois este o levou para assistir a algumas palestras de Freud sobre modalidades de funcionamento do sistema nervoso.

A correspondência entre Freud e Fliess se iniciou em novembro de 1887 e foi se intensificando nos anos subsequentes, não só como aprofundamento dos laços pessoais, mas também como meio de intercâmbio científico. Como observa Jones (1989), havia muitas similaridades na vida dos dois amigos: ambos eram de classe média judia e se encontravam preocupados com a atuação médica e em sustentar suas famílias. Ambos estavam profundamente influenciados por pensadores da Escola de Berlim, tais como Helmholtz, Du Bois-Reymond e Brücke. Além disso, possuíam uma educação privilegiada, tendo ambos tido acesso à literatura e cultura clássicas. Freud citava Shakespeare em suas cartas, ao mesmo tempo que Fliess lhe indicava a obra de Conrad Ferdinand Meyer como leitura.

Na época do encontro dos dois médicos, sobretudo no período de 1892-1893, quando a relação entre ambos se intensificou, Freud padecia de diversos sintomas físicos, ou melhor, psicossomáticos: enxaquecas, problemas respiratórios, digestivos e, sobretudo, uma arritmia cardíaca que mais tarde se



mostrou alarmante. Confiante na competência profissional de seu amigo “rinólogo” ele aceitou se submeter a duas pequenas intervenções: a primeira com o intuito de cauterização dos cornetos e a segunda, em 1895, para dar fim a uma crise recorrente de sinusite. Fumante inveterado, ele fazia o uso de vinte charutos diários e tinha grande dificuldade em lutar contra o vício em nicotina. Ao contrário de Breuer, que havia diagnosticado uma miocardite, Fliess achava que o quadro cardíaco de Freud se devia ao envenenamento por nicotina e instou para que ele o abandonasse. Freud acatou, porém com reservas e alertando para uma possível piora de seus sintomas. Numa contínua oscilação entre seguir e desobedecer a recomendação de Fliess para abandonar o tabagismo ele se propõe a seguir “escrupulosamente a sua receita”, para alguns meses depois de deixar o hábito afirmar ter tido “uma afecção severa do coração, a pior que jamais tive, mesmo quando fumava” (Freud, 1986, p. 59-60; p.67). Antes dessa “contestação” já havia expressado a sua insatisfação: “não tenho obedecido a sua ordem de não fumar; você realmente considera um privilégio notável viver muitos anos num tormento? ” (Freud, 1986, p. 60-61). O aborrecimento pela proibição ao fumo era compensado pela diminuição da angústia de uma morte próxima suscitada pelo diagnóstico de miocardite crônica antes proposto por Breuer.

Freud estava se afastando de Breuer e se entregando aos cuidados médicos de Fliess, mas ainda tinha dúvidas, como se lê na carta de 06 de maio de 1894 em que, ao relatar ao amigo os seus problemas de saúde, escreve: “ainda penso que isso não se deve à nicotina; tendo casualmente visto um bocado dessa mesma coisa em minha clínica na semana passada, creio tratar-se de miocardite reumática, algo de que a gente nunca se livra, realmente” (Freud, 1986, p. 70). O diagnóstico de Breuer prevalecia? Seja como for, o incômodo por não fumar e as desconfianças acerca do diagnóstico de hipersensibilidade à nicotina não afetou a confiança de Freud nos conhecimentos médicos de Fliess, pois cerca de um ano mais tarde ele reiterou: “para mim, você continua a ser o médico, o tipo de homem em cujas mãos se deposita confiantemente a própria vida e a vida da própria família” (Freud, 1986, p. 126).

A confiança de Freud não era infundada. A formação intelectual de Fliess convergia com a de Freud, e os seus conhecimentos biológicos eram amplos. Além disso, a clínica de Fliess em Berlim era bastante próspera e, como afirma Schur (1981), sua personalidade “magnética” atraía uma ampla gama de pacientes:



Que Fliess tinha o dom de impressionar os seus amigos e pacientes com uma amplitude de conhecimentos biológicos, imaginação rica e abrangente e uma inflexível fé em suas capacidades terapêuticas pode ser deduzido da grande lealdade de seus clientes (Schur, 1981, p. 78-89).

A questão do vício em nicotina não é irrelevante. Em primeiro lugar por ser um hábito bastante arraigado a sua vida. Numa carta de 12 de fevereiro de 1929, por ocasião de um questionário enviado a figuras eminentes acerca do hábito de fumar e transcrita por Max Schur, Freud responde:

... comecei a fumar com a idade de 24 anos, primeiramente cigarros, mas logo exclusivamente charutos; continuo ainda fumando (com a idade de 72 anos e meio), e sou bastante relutante em me restringir a este prazer. Entre a idade de 30 a 40 anos tive que deixar de fumar, durante um ano e meio, por causa de um ataque do coração que pode ter sido [devido ao] efeito da nicotina, mas que provavelmente era uma sequela da influenza. Desde então, tenho sido fiel ao meu hábito ou vício, e acredito que devo ao charuto uma grande intensificação da minha capacidade para o trabalho e uma facilidade para meu autocontrole. Meu modelo nisso foi meu pai, que era um fumante dos mais inveterados e que assim permaneceu até seu 81º ano (Freud, citado por Schur, 1981, p. 76-77).

Este depoimento nos remete a dois outros aspectos muito significativos associados ao fumo: a identificação com o pai e a vinculação do fumo com o seu trabalho e criatividade intelectuais. A questão do pai parece estar diretamente vinculada com o declínio de sua relação com Fliess. Em carta de 2 de novembro de 1896, ao agradecer as condolências enviadas por Fliess após a morte de seu pai, ele reconhece sua importância singular: “eu o valorizava muito, compreendia-o muito bem e, com sua mescla peculiar de profunda sabedoria e fantástica despreocupação, ele teve um efeito significativo em minha vida... sinto-me agora totalmente desarraigado” (Freud, 1986, p. 203).

Justamente o estar “desarraigado” o liberta para o seu próprio caminho, o de pai fundador da Psicanálise. Freud teria relatado a Jones que esta experiência o teria levado a escrever “A interpretação dos sonhos”, e por esta razão Jones acredita haver “sinais também de que o aumento da corrente subterrânea de hostilidade para com Fliess estivesse ligado à identificação inconsciente de Freud com o pai” (Jones, 1989, p. 327). A questão da criatividade não é menos importante. A proibição de Fliess ao consumo dos charutos interferia diretamente em seu processo pessoal de criação conceitual. Ao retornar ao fumo ele lhe



escreveu em 12 de junho de 1895, na época em que estava elaborando a sua primeira síntese teórica:

... preciso de muita cocaína. Além disso, recomecei a fumar moderadamente nessas últimas duas ou três semanas [...] se você voltar a proibir o fumo, terei de abandoná-lo outra vez. Mas pense bem se deve fazê-lo, caso se trate apenas de intolerância, e não de etiologia. Recomecei com isso [fumo] porque me fazia falta constantemente (após quatorze meses de abstinência) e porque preciso tratar bem deste sujeito psíquico, ou então ele não trabalhará para mim. Exijo muito dele. A tortura, na maior parte do tempo, é sobre-humana (Freud, 1986, p. 133).

A cocaína e a nicotina eram estimulantes imprescindíveis para a continuidade do trabalho intelectual muitíssimo intenso necessário para forjar a ciência nascente.

A ambivalência de Freud em relação a Fliess convergindo com sua demanda de análise encontrou uma solução de compromisso ao ser transformada em uma demanda de supervisão. Além da personalidade "magnética", dos conhecimentos médicos, da origem familiar e formação próximas, quais outros atributos qualificaram Fliess como supervisor imaginário de Freud?

2. Freud com Fliess: a supervisão imaginária

Apesar das convergências pessoais e de formação e das convicções comuns, as ideias dos dois autores eram bastante heterogêneas: enquanto Freud, em sua investigação das psiconeuroses, era confrontado com os limites da fisiologia e da anatomia patológica, sendo impulsionado em direção à psicologia, Fliess pretendia transformar suas observações médicas em teoria científica de alta generalidade. Ele fazia correlações entre a mucosa do nariz e os órgãos genitais e, ainda, elaborava estudos sobre as relações entre menstruação, fecundação e a teoria da periodicidade geral da vida, propondo a criação de um cálculo matemático que possibilitaria a previsão das ocorrências biológicas fundamentais da vida e da morte.

As semelhanças de vida dos dois homens, mas também as diferenças de suas concepções possibilitaram a sua identificação recíproca sem o risco da apropriação das ideias um do outro. Estavam, porém, em posições assimétricas. Freud mergulhado nas incertezas de sua psicologia nascente necessitava de um mestre, de alguém que, reconhecido por suas qualidades científicas, lhe proporcionasse proteção e segurança. Fliess era autoconfiante, comunicativo, intuitivo e dotado de certezas inexpugnáveis, características que o colocavam



nesta posição de maestria ideal. Freud lhe atribuía extraordinária capacidade intelectual, pois ele podia elevar suas investigações acerca da sexualidade do plano biológico ao cósmico e as formular segundo leis gerais, matemáticas e deterministas.

Na célebre carta de 15 de outubro de 1897, no momento crucial de sua autoanálise, quando fez o primeiro anúncio do Édipo, Freud lastima ter concentrado seu trabalho na análise psicológica: “o que consigo dizer-lhe sobre as fronteiras da alma (*Seelenende*) neste mundo encontra em você um crítico compreensivo, e o que você sabe dizer-me sobre suas fronteiras celestiais (*Sternenende*) evoca em mim apenas admiração improdutiva” (Freud, 1986, p. 274). Quase um ano depois, em carta de 30 de julho de 1898, a superioridade de Fliess é reconhecida: “decididamente, você é uma companhia boa demais para mim. Não mereço que me deem nem mesmo um vislumbre dessas perspectivas. Embora tenha decorrido menos de uma semana desde que me encantei com o Kepler da Biologia” (Freud, 1986, p. 321). Ao associá-lo ao nome de um dos fundadores da ciência moderna, Freud também se insere de alguma forma numa situação supostamente passiva – “você bem sabe que não reflito: recebo, desfruto, deslumbro-me e tenho grandes expectativas” (Freud, 1986, p. 322) – numa genealogia científica na qual mais tarde ele iria incluir a Psicanálise, que teria assestado o terceiro golpe no narcisismo humano após os desferidos por Copérnico, o golpe cosmológico, e por Darwin, o golpe biológico (Freud, 1992, p. 131-133, Assoun, 1983, p. 216).

O que, no entanto, Fliess lhe ofereceu naquele momento? Ao contrário de Freud, o seu admirado colega tinha acesso a uma quantidade considerável de casos clínicos a que podia recorrer para corroborar suas pesquisas e inter-relacionar uma grande diversidade de sintomas aparentemente dispersos. Por exemplo, a sua hipótese sobre a “neurose nasal reflexa” se baseava em um grande número de casos – Fliess afirmava dispor de mil dossiês –, sendo este um requisito exigido pelos pesquisadores universitários para levar a sério os resultados científicos. Os médicos clínicos, ao contrário dos pesquisadores universitários, não tinham acesso a uma quantidade tão grande de observações, mas a obra de Fliess atesta a extensão de sua atividade como médico. No pequeno livro *Novas contribuições à clínica e à terapia das neuroses reflexas nasais*, de 1892, ele citava 131 casos, enquanto em sua primeira obra significativa, de 1897, enumerava 157 casos. Já sua obra posterior, após a ruptura com Freud, publicada em 1906, e considerada como a mais importante, aporta “um material quantitativo em aproximadamente 100 páginas” (Schöter, 1992, p. 106) e traz um título significativo, tanto em sua ambição de



generalidade, quanto em sua pretensão científica: *O curso da vida. Fundamentação para uma biologia exata.*

Freud ficou fascinado por esta perspectiva de legitimação científica e já em fins de 1892 e início de 1893, época em que Fliess e sua mulher foram a Viena, decidiram nada mais, nada menos do que fazer uma pesquisa – um ‘grande estudo conjunto’ – tratando da neurastenia e da neurose de angústia (Schöter, 1992, p. 110). De fato, Freud anexou em sua carta de 05 de janeiro de 1893 um manuscrito tratando da etiologia das neuroses (Rascunho B) abordando as duas neuroses e sua comum etiologia sexual. A colaboração dos dois parece ir se consolidando após o seu encontro em abril de 1893 na continuidade da discussão registrada como “uma espécie de exposição de motivos” (Rascunho C) encerrada com alguns versos jubilosos de Thomas Moore: “Vai para onde a glória te espera / mas, quando a fama te fizer exultar / ah! Lembra-te ainda de mim” (Freud, 1986, p. 46-47). Encontramos em Masson (1986) a afirmação de que Fliess confirmara a parceria em seu artigo “A neurose nasal reflexa”, no qual vincula a etiologia da neurastenia à “má utilização da função sexual”, acrescentando “associei-me a um colega e amigo com o objetivo de comprovar isso através de uma série de observações de pacientes cuidadosamente analisadas” (Masson, 1986, p. 46).

As coisas pareciam correr muito bem neste empenho de colaboração científica. A amizade se intensificava, bem como as expectativas de Freud no trabalho comum. Em 1894, a carta de 21 de maio começava com a saudação “Caríssimo amigo, caríssimo”, e, pouco depois de se submeter à autoridade médica de Fliess acerca de “sua doença”, ele explicita o seu propósito:

Hoje me permitirei uma hora de satisfação e conversarei com você apenas sobre ciência. Obviamente, não é nenhum favor especial do destino eu ter aproximadamente cinco horas por ano para trocar ideias com você, quando mal consigo passar sem o outro – e você é o único outro, o alter (Freud, 1986, p. 73).

Esta carta foi enviada juntamente com um manuscrito bastante esquemático “sobre a etiologia e a teoria das principais neuroses” (Rascunho D) e cerca de duas semanas depois, provavelmente no início do mês seguinte, foi enviado o importante manuscrito sobre a origem da angústia (Rascunho E). Como assinala James Strachey, o editor inglês das *Obras Completas*, a carta de maio foi escrita na mesma época da publicação do artigo “As psiconeuroses de defesa” (Strachey in Freud, 1990, p. 267). Ora, este artigo consiste num passo



essencial para a compreensão da teoria da defesa como mecanismo etiológico geral das afecções psíquicas.

No ano seguinte seria enviado a Fliess, como indicaremos a seguir, o manuscrito da teoria do aparelho psíquico conhecida como “Projeto para uma psicologia científica”. A suposta colaboração prossegue com Freud depositando em Fliess as mais elevadas expectativas. Após agradecer-lhe efusivamente por seu apoio psicológico (consolo, compreensão, saúde), ele escreve na carta de 1º de janeiro de 1896: “foi primordialmente por seu exemplo que, intelectualmente, ganhei forças para confiar em meu julgamento, inclusive quando fico entregue a minha solidão” (Freud, 1986, p. 159), e, anexo à carta, envia um manuscrito ainda mais importante para a criação da Psicanálise no qual desenvolve a teoria da defesa com relação à neurose obsessiva, a paranoia e a histeria (Rascunho K). Entretanto, a mesma carta contém uma declaração muitíssimo interessante. Diz ele:

... observo que, pela via tortuosa da clínica médica, você está alcançando o seu ideal primeiro de compreender os seres humanos enquanto fisiologista, da mesma forma que alimento secretamente a esperança de chegar, por essa mesma trilha, a minha meta inicial da filosofia. Pois era isso o que eu queria originalmente, quando ainda não me era nada clara a razão de eu estar no mundo (Freud, 1986, p. 159).

No clímax da colaboração, a profunda divergência de caminhos se insinua, abrindo as primeiras fissuras teóricas no ainda forte vínculo transferencial. Há aqui um interessante entrecruzamento de perspectivas. O termo “filosofia” indica o novo saber em gestação, ou seja, a Psicanálise, enquanto Fliess continua aparentemente na trilha da fisiologia, do discurso médico, da ciência normal consagrada. Porém, apesar dos numerosos casos relatados por Fliess em seus escritos visando respaldar os resultados de suas pesquisas, suas convicções são excêntricas e pouco aceitáveis, tanto para a ciência de sua época, quanto para os desenvolvimentos científicos posteriores.

Como se disse acima Fliess tendia a ultrapassar os limites da explicação científica projetando-a no horizonte de uma cosmovisão especulativa à qual se manteve fiel por toda sua vida. Em sua monografia de 1897, intitulada “As relações entre o nariz e os órgãos genitais da mulher”, ele resume no prefácio suas crenças acerca da inter-relação entre os períodos de 28 e 23 dias, os caracteres sexuais feminino e masculino, os estados mórbidos e a fisiologia humana, considerando que as “leis cronológicas”



... não estão limitadas à espécie humana, mas se estendem a todo reino animal e sem dúvida a todo mundo orgânico. A maravilhosa precisão com a qual a periodicidade de vinte e três e vinte oito dias completos é respeitada permite supor, com efeito, uma profunda relação entre as condições astronômicas e a criação dos organismos (Fliess citado por Sulloway, 1981, p. 131-132).

Sob a roupagem de uma pretensa ciência rigorosa, ele integrava a legitimidade e o alcance de suas teorias numa convicção inderrogável e, ao fazê-lo, endossava indiretamente as investigações de Freud, acossado então por suas incertezas neuróticas ao enveredar pelo caminho de afastamento da ciência normal e consagrada à qual se vinculava por formação e com a qual jamais pretendeu romper. Poder-se-ia dizer, em síntese, que a "ciência normal" de Fliess, projetada numa cosmovisão científica, acolhia e sustentava afetivamente a "filosofia" de Freud, a sua "ciência excêntrica". O que não é de se surpreender porque, bem mais tarde, Freud ao analisar as "resistências" à Psicanálise as atribui, em parte, à sua "posição intermediária" (*Mittelstellung*) entre a Medicina e a Filosofia (Freud, 1992, p. 230).

De qualquer modo, através de Fliess abria-se imaginariamente a possibilidade de integração do novo saber psicanalítico numa visão de mundo científica capaz de prover *a priori* a sua legitimação. Nesta função de representante imaginário da legitimação científica, Fliess, apesar do caráter algo estapafúrdio de suas ideias e de sua rejeição pelo meio médico hegemônico, poderia ser colocado na posição do supervisor de Freud. Sua contribuição não proviria do conhecimento específico por ele possuído e capaz de orientar Freud, e sim, como mostra a correspondência entre ambos, este diversas vezes confessa estar aquém das teorias do amigo. No entanto, ele prossegue em seu próprio percurso investigativo, recorrendo à estratégia de idealizá-lo e simultaneamente preservar a sua independência. Assim, de Fliess, o amigo admirado, o cúmplice fiel e o supervisor idealizado provêm o suporte necessário para que Freud não desista das suas ideias, quando estava atormentado por dúvidas cruciantes acerca de suas novas concepções num momento designado por Ellenberger (1976) como o de sua "neurose criativa".

Naquela época decisiva, posterior à morte de seu pai, Freud estava diuturnamente dedicado a meditar acerca de sua nova psicologia, bastante divergente das teorias naso-genital e da periodicidade masculina e feminina de seu superestimado amigo (Ellenberger, 1976, p. 507-508). Apesar disto, ele considerava Fliess um interlocutor privilegiado. Os seus encontros, significativamente designados por Freud como "congressos", eram ocasiões de intensa estimulação intelectual para o criador da Psicanálise, embora não



houvesse um verdadeiro diálogo intelectual, pois cada um monologava acerca de suas próprias intuições e elaborações teóricas. Após cada um desses encontros, Freud se sentia revitalizado e mais disposto a mergulhar num trabalho árduo e atolado em impasses aparentemente insuperáveis. Neste sentido, é exemplar o episódio da escrita de "Psicologia para neurologistas", publicado postumamente em 1950 como "Projeto de psicologia científica", no qual Freud ensaia sua teorização mais abrangente, ainda vazada numa linguagem naturalista e biológica. A correspondência de 1895 registra este processo de elaboração do "Projeto", sendo muito instrutiva a leitura das cartas de Freud no período de abril a outubro daquele ano. Em carta de 27 de abril, ele escreve:

... cientificamente, estou num mau caminho, a saber, preso na "Psicologia para neurologistas", que me consome sistematicamente por completo, até que, verdadeiramente esgotado, sou forçado a interromper. Nunca experimentei um grau tão elevado de preocupação. E dará algum resultado? Espero que sim, mas é difícil, e a trajetória é lenta (Freud, 1986, p. 128).

Cerca de um mês depois ele assinala tanto a sua exaustão, após jornadas de 10 a 11 horas de "trabalho com as neuroses", quanto o resultado fundamental alcançado, isto é, a necessidade de basear a psicopatologia na psicologia, numa teoria sobre "os processos mentais normais" (Freud, 1986, p. 130). Apesar da dedicação extenuante ao trabalho, o progresso é lento e, às vezes, infrutífero: "A psicologia é mesmo uma cruz. Jogar boliche ou catar cogumelos, pelo menos, são passatempos muito mais saudáveis... Agora, não quero mais ouvir falar nisso" (Freud, 1986, p. 137). Ele se empenhava, então, em tentar explicar a defesa, ou seja, compreender o mecanismo essencial na etiologia das psiconeuroses, o que abrangia um amplo espectro de afecções: desde os sintomas fóbicos e obsessivos até a paranoia e a confusão alucinatória.

O que as suas investigações etiológicas, sobretudo acerca das psiconeuroses de defesa, teriam a ver com as teorias de Fliess? Quase nada. Freud apenas as abordava tangencialmente em relação ao seu próprio trabalho e sempre concedendo ao seu interlocutor certa superioridade intelectual. No entanto, o suposto saber de Fliess nele desencadeava ondas de criatividade. No início de setembro de 1895, Freud visitou Fliess em Berlim. Na volta de mais este "congresso", ainda no trem, ele inicia a síntese de sua "Psicologia para neurologistas" e em carta de 23 de setembro anuncia os seus progressos e os submete à avaliação crítica de Fliess, a quem atribui "um impulso poderoso para levar o assunto a sério" (Freud, 1986, p. 141).



E qual contribuição Freud espera dele receber? Há uma breve alusão a “adaptar a teoria às leis gerais do movimento” (Freud, 1986, p. 141), e, por conseguinte, a sua busca por encontrar em Fliess a legitimação científica de sua psicologia nascente. A autoridade de Fliess como supervisor é reiterada quando Freud envia o manuscrito de sua psicologia em “dois cadernos de notas”, “enchidos por inteiro com meus rabiscos de uma só assentada, depois de minha volta, e eles pouco lhe trarão de novo” (Freud, 1986, p. 142). Sua postura em relação ao próprio trabalho oscila entre o orgulho e o abatimento, na medida em que Freud sugere que sua teorização seria precária e não teria alcançado ainda a necessária coerência. Nestes momentos, o pensador continuava a buscar em Fliess não apenas o apoio afetivo, mas também a sustentação científica:

... a esta altura, receber notícias suas transformou-se numa necessidade para mim, pois já cheguei à conclusão, em que raramente erro, de que seu silêncio significa dores de cabeça. Só comecei a me sentir mais à vontade quando – após um longo intervalo – voltei a ter em mãos um de seus trabalhos científicos. Até o momento, dei apenas uma olhadela nele, e receio que o respeito por tanto material genuíno e refinado me faça sentir vergonha de minhas fantasias teóricas (Freud, 1986, p. 141-142).

Apesar da contraposição entre o “trabalho científico genuíno” de Fliess e suas “fantasias teóricas”, Freud, ao elaborar a sua primeira tentativa de sintetizar as suas concepções, deu apenas uma “olhadela” no trabalho de Fliess. Por quê? Porque os conteúdos das teorias de seu amigo pouco poderiam contribuir para suas investigações, visto que estas estavam sempre voltadas para o campo do psiquismo, enquanto Fliess se entregava a um certo “misticismo” pansexual e a especulações em torno de uma numerologia biológica, as quais o tornariam capaz de calcular a partir dos períodos feminino (28 dias) e masculino (23 dias) “a ocorrência de qualquer acontecimento biológico” (Ellenberger, 1976, p. 604).

Contudo, a presença estimulante de Fliess foi inegável e duradoura. Numa carta tardia, datada de 03 de abril de 1898, Freud escreveu: “após cada um de nossos congressos, sinto-me revigorado por semanas a fio, as ideias vão se apinhando em mim, o gosto pelo trabalho árduo se restabelece e a trêmula chama da esperança de que seja possível encontrar o caminho pelo matagal arde serena e radiante por algum tempo” (Freud, 1986, p. 307). Este Fliess cuja voz não podemos ouvir, pois suas cartas foram provavelmente destruídas, se faz de alguma forma presente na “trêmula chama da esperança”, ajudando-nos a compreender o processo íntimo, quase oculto, de criação da Psicanálise e da



emergência de alguns de seus conceitos fundamentais (Vidal, 2010). Aos poucos a luz bruxuleante insuflada por Fliess não se fará mais necessária e desaparecerá na aurora do reconhecimento público. As incertezas íntimas darão lugar à reivindicação da universalidade de um novo saber cuja primeira manifestação concreta ocorre após a publicação da “Interpretação dos sonhos”, seguida da adesão dos primeiros discípulos e a fundação da Sociedade das Quartas-Feiras. Uma pluralidade de vozes ocupará o espaço pertencente, até então, ao único amigo, “meu *alter ego*”.

3. O desenlace da supervisão imaginária

Como vimos na carta de 1898, já citada, durante algum tempo, após aqueles anos de amizade intensa e suposta colaboração científica – aproximadamente no período de 1892 a 1897 –, a confiança de Freud ainda se mantém. Não obstante, já no segundo semestre de 1897, uma série de cartas enviadas a Fliess nos meses de setembro e outubro assinalam o redirecionamento do interesse de Freud para outro tipo de realidade. Não mais a realidade biológica, incluída no domínio das ciências da natureza por estar circunscrita em coordenadas espaciais, mas a realidade psíquica que, por definição, não pertence à espacialidade. Na bastante citada carta de 21 de setembro de 1897 ele anuncia: “não acredito mais em minha neurótica” e, em seguida, arrola os motivos de suas descrenças. Desta vez, todavia, não atribui suas dúvidas a sua exaustão, confusão e fraqueza intelectuais. Ao contrário, afirma,

... já que me encontro no estado oposto, preciso reconhecê-las como resultado de um trabalho intelectual honesto e vigoroso e devo orgulhar-me, depois de ter ido tão a fundo, de ainda ser capaz de tal crítica. Será que essa dúvida representa apenas um episódio no avanço em direção a novos conhecimentos? [...] diante de você e de mim mesmo, tenho antes um sentimento de vitória do que de derrota” (Freud, 1986, p. 266).

A “autoanálise” chegou a seu momento decisivo. A interpretação de seus próprios sonhos se intensifica e nas cartas do mês seguinte – respectivamente de 03 e de 15 de outubro de 1897 – confessa a sua fantasia edípica, a sua libido infantil voltada para a nudez de sua mãe ao mencionar de maneira pudica o fato de ter visto a *matrem nudam* e, então, generaliza a sua descoberta como um “acontecimento universal do início da infância” (Freud, 1986, p. 273). Vislumbrado o Édipo, descortina-se o novo continente a ser explorado: a



realidade psíquica pode ser definida a partir da convergência de duas concepções: a do caráter estrutural ou tópico do inconsciente e a do caráter infantil da sexualidade. Tudo se encaminhava para a proposição do modelo metapsicológico apresentado no Capítulo VII da “Interpretação dos sonhos”.

As escamas caem dos olhos de Freud. Durante aqueles anos de fascínio por seu amigo e parceiro, Freud construiu a ilusão produtiva de um trabalho científico comum. Como vimos, não foi uma pretensão vã. A interlocução sempre truncada com Fliess gerou muitos frutos, porque Fliess apostou em Freud contra ele mesmo e o sustentou nos momentos mais duros de insegurança e desânimo. Neste aspecto, não precisamos das cartas de Fliess para sabermos disto; basta-nos as reações de Freud contidas em suas cartas preservadas. Mas o preço foi o de Freud não ter visto e não ter podido ver a falha de Fliess, não ter apreendido as suas graves limitações compensadas e mascaradas pela certeza mirabolante de suas convicções. Ele não viu e nem podia ver a falta em Fliess colocando em funcionamento um mecanismo que depois ele mesmo nomearia como “desmentido” ou “renegação” (*Verleugnung*), mecanismo caracterizado pela imissão de dois movimentos psíquicos em princípio antagônicos, o ver ou constatar algo, como, por exemplo, a ausência do pênis, e simultaneamente desmentir o que foi visto (Kaës, 2003).

Não houve uma ruptura, um corte súbito na amizade entre os dois homens. Ao contrário, considerando-se o que já foi dito, o “desenlace” consistiu no lento desenovelar de uma relação desde sempre marcada pela ambivalência e pela renegação, por parte de Freud e pela incapacidade de Fliess em ocupar a posição de maestria. No primeiro semestre de 1895, momento em que a atividade conjunta era intensa e Freud iniciava a elaboração do “Projeto”, ocorreu um episódio exemplar que ilustra a recusa de Freud em ver os limites da competência médica de Fliess. Trata-se do caso de Emma Eckstein, paciente de Freud, tratada com o diagnóstico de histeria e padecendo de sintomas abdominais. Como já havia ocorrido em outras situações, ele pediu ajuda a Fliess, e este, de acordo com a sua teoria da “neurose nasal reflexa” como base orgânica do quadro histérico, sugeriu um procedimento cirúrgico: a operação das fossas nasais. Freud acolheu a sugestão e persuadiu sua paciente a aceitar a cirurgia. O resultado foi desastroso e o pós-operatório infligiu a Emma muitos sofrimentos: dores, hemorragia, secreções fétidas. Um especialista foi solicitado e concluiu que Fliess esquecerá

... meio metro de gaze de iodofórmio na cavidade [nasal] ... com a remoção da gaze a paciente sofreu uma hemorragia grave e caiu



em estado de choque, durante alguns segundos, até que uma nova vedação estancasse o fluxo do sangue. Freud, que se achava presente, sentiu-se mal e teve que ser retirado da sala; recuperou-se, tão logo ingeriu uma dose de conhaque (Schur, 1981, p. 99).

A recuperação de Emma é longa e difícil, exigindo intervenções adicionais. Freud precisa comunicar a Fliess o grave problema que, segundo Max Schur, poderia levar Fliess a ser “condenado por imperícia médica em qualquer tribunal, em decorrência desse erro quase fatal” (Schur *in* Strachey, 1986, p. 122). Freud o faz de modo vacilante e se esforçando em escusar a si mesmo e a seu amigo. Numa carta de 28 de março de 1895 podemos ler o seguinte: “ela, Eckstein, tem passado bem; é uma moça muito agradável e honesta, que não culpa nenhum de nós pelo acontecido e se refere a você com grande respeito” (Freud, 1986, p. 124). Ela é honesta, poderíamos concluir, por isso não o culpa. Na missiva seguinte, de 11 de abril, entretanto, o tom é outro:

... tempos sombrios, incrivelmente sombrios. Acima de tudo, esse caso Eckstein, que se encaminha rapidamente para um mau desfecho [...]. Fico realmente muito abalado ao pensar que um desastre desses tenha decorrido de uma operação supostamente inócua. Não sei se devo atribuir esse assunto deprimente a responsabilidade exclusiva pelo fato de meu estado cardíaco permanecer tão abaixo do nível desejado, nesse ano de doenças (Freud, 1986, p. 124-125).

Declaração surpreendente! A atitude de Freud se modifica. Mesmo assim, apesar do atenuante do seu estado de saúde, ele prefere se culpar a responsabilizar o seu amigo. O Fliess idealizado e cumprindo o papel de seu supervisor e parceiro científico imaginário tem que ser preservado a todo custo. Mesmo manifestando a sua afeição pela “pobre moça” a solidariedade a Fliess prevalece e ele se desculpa por tê-lo envolvido numa “situação tão mortificante”. (Freud, 1986, p. 122). Embora fique clara a causa das sucessivas hemorragias de Emma, o esquecimento da gaze em sua cavidade nasal, Freud minimiza a gravidade do acontecido:

Cirurgicamente Eckstein logo estará bem, [mas] agora começam os efeitos nervosos do incidente: ataques histéricos à noite e sintomas similares, nos quais preciso começar a trabalhar” (Freud, 1986, p. 121).



Quinze dias depois ele tenta mitigar a ansiedade de Fliess com relação ao caso contextualizando novamente o erro cometido no quadro mais amplo do tratamento da histeria:

Sei o que você quer ler primeiro: ela está passando toleravelmente bem; atenuação completa, sem febre e sem hemorragia... Naturalmente, ela está iniciando uma nova produção de histerias decorrentes desse período passado, que são então dissolvidas por mim (Freud, 1986, p. 123).

O episódio de Emma, como enfatiza Max Schur (1981), parece mostrar os mecanismos inconscientes através dos quais a competência de Fliess deve ser mantida a todo custo como uma exigência da vertente afetiva ou experiencial de seu vínculo com o seu "supervisor", mesmo quando as divergências teóricas, desde 1896, iam crescendo. Dois anos depois, com relação ao seu manuscrito sobre os sonhos, ainda o considerava como "juiz supremo" de suas ideias, conforme o designa na carta de 24 de março de 1898: "não irá recusar-me as obrigações de primeira plateia e juiz supremo" (Freud, 1986, p. 306).

A interpretação do "Sonho da injeção de Irma" simultaneamente revela e oculta o que estava em jogo. Freud ainda não enxerga os motivos para criticar Fliess no plano de suas intenções conscientes e em seu ardente desejo de preservar não só a amizade, mas, e acima de tudo, a interlocução intelectual. Para isso, qual um Édipo, ele deve cegar-se psiquicamente, pois não é outro, o já mencionado mecanismo da renegação (*Verleugnung*): preencher com o não visto a falta visível no outro. Todavia, para o leitor das cartas daquele período do episódio Emma, de fevereiro de 1895, quando da primeira cirurgia, até julho do mesmo ano, quando se dá o "Sonho da injeção de Irma", as oscilações de Freud são perceptíveis: o seu mal-estar cardíaco vai sendo superado, a relação de seus problemas de saúde com sua "origem nasal" vai sendo deixada de lado, as manifestações afetivas vão sutilmente se modificando (Schur, 1981).

Max Schur descreve minuciosamente como vai se dando o inexorável desligamento, como os laços afetivos vão sendo desfeitos aos poucos, e o mal-estar vai lentamente se instalando. Na já mencionada carta de 24 de março de 1898, na qual Fliess era considerado como um "juiz supremo", Freud comenta com acidez a avaliação de Fliess sobre o seu "manuscrito sobre os sonhos":

Sem dúvida, você não gostaria que eu o comparasse a Breuer em nenhum sentido; [mas] a comparação se impõe. Penso na insinceridade com que ele distribuía parcimoniosamente os seus elogios – por exemplo, o estilo é maravilhoso, as ideias são



extremamente engenhosas – e na consideração que o levava a expressar suas objeções detalhadas aos aspectos essenciais a outras pessoas, por meio de quem eu tomava conhecimento delas posteriormente. Muitas vezes, alegro-me por estar livre dele (Freud, 1986, p. 305-306).

Desse modo, ao ser comparado a Breuer, de quem se distanciara, o até então “juiz supremo” começa a ser abandonado e, assim, Freud relativiza a sua capacidade de avaliar os resultados de seu trabalho justamente no momento em que ele se encaminhava para a publicação de sua obra *princeps* contendo a proposição de sua Primeira Tópica, ou seja, um modelo capaz de dar visibilidade espacial, oferecer um *topos* a processos psíquicos essencialmente não espaciais. Fliess, o empirista aderido à ciência convencional, embora engrandecida por suas elucubrações matemáticas, não conseguiria acompanhar tal encaminhamento teórico. Apesar disso, ainda tentava coonestar o saber por ele atribuído a Fliess. Em abril de 1898, o livro de Fliess “sobre as relações entre o nariz e os órgãos sexuais femininos”, publicado no ano anterior, havia sido demolido numa resenha crítica de uma revista científica da qual Freud era membro do corpo editorial. Freud escreve duas cartas a Fliess sobre o assunto. Na primeira, de 14 de abril, rechaça energeticamente a resenha ao livro de Fliess como “um exemplo do tipo de impertinência que caracteriza a ignorância absoluta” (Freud, 1986, p. 310). Na segunda, ele anuncia sua ruptura com a revista e a retirada de seu nome da lista “de colaboradores que aparece na capa” (Freud, 1986, p. 311).

Max Schur, ao relatar o episódio, manifesta surpresa por Freud não ter percebido ainda o absurdo das ideias de Fliess, mas observa que na época ele “se achava mergulhado completamente no seu estudo dos sonhos ... um estranho mundo novo. Podia ousar fazer críticas, quando ele próprio se achava em tarefas exploratórias do desconhecido?” (Schur, 1981, p. 176-178). Apesar disso, Schur mostra como Freud rejeitava as críticas a Fliess ao mesmo tempo que inconscientemente as endossava. O episódio da resenha ao livro de Fliess aparece no sonho designado como “Ataque desferido por Goethe ao senhor M”, no qual Freud em sua interpretação explora algumas inversões de seu significado afirmando: “Logo, é fácil perceber que, no sonho, eu me estava colocando no lugar de meu amigo [...] Mas comportei-me como um paralítico, e o sonho foi um amontoado de absurdos. Desse modo os pensamentos oníricos diziam com ironia: ‘Naturalmente ele [meu amigo F./Fliess] é que é o tolo, o maluco, e vocês [os críticos] é que são os gênios que sabem de tudo’” (Schur, 1981, p. 178, 181).

A ambivalência da postura de Freud é clara, e a supervisão imaginária se desfazia. Porém, de modo muito significativo, a ruptura se deu por meio de uma



disputa científica acerca da prioridade da ideia de bissexualidade e, por conseguinte, acerca de quem ocupava verdadeiramente uma posição de maestria científica. A tese da bissexualidade, certamente, não foi a invenção de um gênio inteiramente isolado como querem alguns apologistas da originalidade absoluta da Psicanálise. Em Viena, a ideia da bissexualidade “estava no ar”, Fliess a endossou e ela foi consagrada no célebre livro de Otto Weininger *Sexo e caráter*, publicado em 1903. Mas Freud já havia assimilado a ideia desde 1897, e a marca de sua originalidade não consistiu em tê-la inventado arbitrariamente, mas sim de tê-la interpretado no contexto específico de suas teorias do inconsciente e da sexualidade infantil. A acusação de plágio desconhece a especificidade psicanalítica da bissexualidade que não mais a concebia como sendo um conflito natural de duas tendências opostas – a libido viril e o recalque feminino – mas na perspectiva do destino dialético de uma libido única (Roudinesco, 1998; Porge, 1998).

De qualquer forma, o episódio do plágio consumou o progressivo afastamento numa ruptura dura e definitiva. Fliess seguiria o caminho da obscuridade, e Freud, como é bem sabido, iria se tornar o pai fundador da Psicanálise e líder incontestado de um movimento que se espalhou por quase o mundo todo.

Considerações finais

A vida de Freud foi examinada exaustivamente. Poucos autores foram objeto de investigações tão minuciosas, seja para elevá-lo ao patamar de herói intelectual único, seja para destruir tanto a sua aura quase sagrada, quanto os aspectos lendários da fundação da Psicanálise. A bibliografia é imensa e quase impossível de ser dominada por completo.

Neste texto, nosso objetivo foi fazer um pequeno recorte cronológico e textual de modo a mostrar a importância do papel de Fliess na criação da Psicanálise. Apesar de suas ideias bastante inusitadas, ele se colocou no lugar de um interlocutor privilegiado, alguém posicionado na vanguarda da ciência médica de seu tempo e assim fazendo manteve por alguns anos o lugar de uma maestria ideal, essencial para dar a Freud o suporte psicológico necessário para prosseguir em seu tormentoso caminho investigativo.

Sem escutarmos a “voz” de Fliess, sem a leitura de suas cartas perdidas, não há como dissipar inteiramente o enigma da relação entre os dois homens. Todavia, pode-se afirmar que Fliess, mesmo sem tal intenção, abriu nas falhas de seu saber o espaço a ser preenchido pelas primeiras elaborações conceituais



da Psicanálise freudiana. Porque, não obstante, pode-se fazer uma avaliação retrospectiva a partir da imensa divergência de seus dois destinos. Fliess não logrou ser reconhecido pela posteridade por suas contribuições científicas. Ainda que e apesar da rejeição peremptória de Freud, as suas hipóteses sobre a neurose de angústia, o significado da inscrição inconsciente da diferença sexual e o medo da morte como fonte de todos os medos tenham sido seriamente discutidas na “Sociedade Psicanalítica de Viena”, a testemunhar o reconhecimento de sua respeitabilidade médica (conferir Federn & Nunberg, 1962, v. I, p. 210; 1967, v. II, p. 432; 1974, v. III, p. 317-318). Mas as suas concepções mais abrangentes e audaciosas foram sendo continuamente descartadas como uma pseudociência como uma concepção estranha, resultante da mistura de observações empíricas com especulações provenientes da tradição romântica da Filosofia da Natureza (Sulloy, 1981, p.132-138). Freud não era estranho à tentativa de associar ciência e metafísica, como o fez Schopenhauer, de quem ele foi grande admirador. Mas Fliess foi apenas um epígono menor do filósofo alemão (Zentner, 1995, p. 183). Por outro lado, Freud foi consagrado como criador da Psicanálise e, apesar das permanentes controvérsias acerca de seu estatuto epistemológico, foi bem-sucedido na instauração de um saber paradigmático, isto é, um campo constituído por termos e conceitos, manuais e teorias e, sobretudo, por um conjunto de crenças largamente assimiladas por uma duradoura comunidade de pesquisa (Enç, 2006, p. 692).

Apesar do caráter restrito de nosso texto – limitando-se a examinar alguns aspectos cruciais da relação entre Freud e Fliess – ele se insere, como foi enfatizado em seu início, numa problemática de grande relevância para a historiografia psicanalítica, a de contribuir com um pequeno subsídio para uma avaliação equilibrada da origem da psicanálise, evitando, quer uma posição apologética, a transformar Freud no criador de uma teoria inteiramente desligada do contexto histórico no qual surgiu, quer a posição destrutiva de eliminar inteiramente a sua originalidade. O nosso propósito foi apresentar um pequeno recorte de uma problemática muito mais ampla, a da inserção de sua teoria na trama altamente complexa da “história espiritual” de sua época. Seja como for, o intuito do nosso texto não é outro senão proporcionar uma pequena contribuição no sentido de mostrar que o gênio de Freud não sucumbe às exigências da investigação histórica imparcial.

Referências

Anzieu, D. (1998). *El autoanálisis de Freud y el descubrimiento de psicoanálisis* (U. Guiñazu, Trad.). Madrid: Siglo XXI. (Original publicado em 1956).



- Assoun, P. L. (1983). *Introdução à epistemologia freudiana* (H. Japiassu, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1981).
- Broide, E. E. (2017). *A supervisão como interrogante da práxis analítica. Desejo de analista e a transmissão da psicanálise*. São Paulo: Escuta.
- Conci, M. (1998). Freud's self-analysis: an interpersonally grounded process. *International Forum of Psychoanalysis*, 7, 77-84.
- Ellenberger, H. F. (1976). *El descubrimiento del inconsciente. Historia y evolución de la psiquiatria dinámica* (P. L. Onedga, Trad.). Madrid: Gredos. (Original publicado em 1970).
- Enç, B. (2006). Paradigma. Em R. Audi (Dir.). *Dicionário de Filosofia de Cambridge* (pp. 692). São Paulo: Paulus.
- Federn, E. & Nunberg, H. (1962). *Minutes of the Vienna Psychoanalytic Society. Volume I: 1906-1908*. New York: International Universities Press.
- Federn, E. & Nunberg, H. (1967). *Minutes of the Vienna Psychoanalytic Society. Volume II: 1908-1910*. New York: International Universities Press.
- Federn, E. & Nunberg, H. (1974). *Minutes of the Vienna Psychoanalytic Society*. New York: International Universities Press.
- Foucault, M. (2001). O que é um autor? (I. A. Dourado Barbosa, Trad.). Em M. Foucault. *Ditos & Escritos III. Estética: literatura e pintura, música e cinema* (pp. 264-298). Rio de Janeiro: Forense Universitária. (Original publicado em 1969).
- Freud, S. (1986). *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess 1887/1904* (V. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1985).
- Freud, S. (1992). Uma dificuldade del psicoanálisis (J. Etcheverry, Trad.). Em S. Freud. *Obras Completas* (pp. 125-135). Buenos Aires: Amorrortu. (Original publicado em 1917).
- Freud, S. (1992). Las resistencias contra el psicoanálisis (J. Etcheverry, Trad.). Em S. Freud. *Obras Completas* (pp. 223-237). Buenos Aires: Amorrortu. (Original publicado em 1925).
- Freud, S. (1999). Die Traumdeutung. Em S. Freud. *Gesammelte Werke* (pp. 1-673). Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag. (Original publicado em 1900).



- Gay, P. (1989). *Freud. Uma vida para o nosso tempo* (D. Bottmann, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Original publicado em 1988).
- Hegel, G. W. F. (2010). *Linhas fundamentais da filosofia do direito* (P. Meneses, Trad.) São Leopoldo, RS: Unisinos. (Original publicado em 1821).
- Jones, E. (1989). *Vida e obra de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1953).
- Jung, J. (2014). "Auto-analyse et "relation en double": à propos de la correspondance entre S. Freud et W. Fliess. *Psychothérapies*, 34(1), 3-7.
- Kaës, R. (2003). A negatividade: problemática geral. *Psicologia USP*, 14(1), 21-36. Recuperado em 27 de junho, 2018, de <https://www.revistas.usp.br/psicousp/article/view/42389/46060>.
- Mannoni, O. (1994). *Freud: uma biografia ilustrada* (M. L. X. A. Borges, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Original publicado em 1968).
- Masson, J. M. (1986). *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess - 1887-1904* (V. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Imago.
- Mayer, A. (2001). Introspective hypnotism and Freud's Self-Analysis: procedures of Self-Observation in clinical practice. *Revue d'Histoire des Sciences Humaines*, 5(2), 171-196.
- Padilha, M. T. M. (2005). Supervisão: o ato da palavra. *Estudos de Psicanálise*, 28, 103-109. Recuperado em 30 de dezembro, 2019, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372005000100013&lng=pt&tlng=pt.
- Porge, E. (1998). *Roubo de ideias? Wilhelm Fliess, seu plágio e Freud seguido por "Em minha própria causa" de Wilhelm Fliess* (D. D. Estrada, Trad.). Rio de Janeiro: Companhia de Freud. (Original publicado em 1994).
- Ribeiro, A. (1994). *O Desejo de Freud*. São Paulo: Iluminuras.
- Roudinesco, E. & Plon, M. (1998). *Dicionário de psicanálise* (V. Ribeiro, L. Magalhães, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Original publicado em 1997).
- Roudinesco, E. (2016). *Sigmund Freud na sua época e em nosso tempo* (A. Teles, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Original publicado em 2014).
- Saraiva, L. A. & Nunes, M. L. T. (2007). A supervisão na formação do analista e do psicoterapeuta psicanalítico. *Estudos de Psicologia*, 12(3), 259-268.



Recuperado em 30 de dezembro, 2019,
de <https://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X2007000300008>

- Schöter, M. (1992). Um diálogo científico entre Freud e Fliess. O projeto de estudo sobre a neurastenia (L. Hoorryd, Trad) Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1989). *Revista Internacional de História da Psicanálise*, 2, 105-136.
- Schur, M. (1981). *Freud, Vida e Agonia: uma biografia*. (M. A. de Moura Matos, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1973).
- Sulloway, F. (1981). *Freud, biologiste de l'esprit*. Paris: Arthème Fayard.
- Vidal, P. E. V. (2010). A invenção da psicanálise e a correspondência Freud/Fliess. *Estilos Clínicos*, 15(2), 460-479. Recuperado em 30 de dezembro, 2019, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141571282010000200012&lng=pt&nrm=iso
- Zaslavsky, J., Nunes, M. L. T. & Eizirik, C. L. (2003). A supervisão psicanalítica: revisão e uma proposta de sistematização. *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul*, 25(2), 297-309. Recuperado em 30 de dezembro, 2019, de <https://dx.doi.org/10.1590/S0101-81082003000200006>
- Zentner, M. (1985). *Die Flucht ins Vergessen. Die Anfänge der Psychoanalyse Freuds bei Schopenhauer*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft.

Nota sobre os autores

Carlos Roberto Drawin é psicólogo. Doutor e Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professor aposentado de Filosofia da Universidade Federal de Minas Gerais. Professor-titular da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. E-mail: carlosdrawin@yahoo.com.br

Jacqueline de Oliveira Moreira é psicanalista. Doutora em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. E-mail: jackdrawin@yahoo.com.br

Thiago Clemente Colbert Câmara é psicólogo. Mestre em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

Data de recebimento: 31 de dezembro 2019

Data de aceite: 11 de novembro de 2020